

# O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

## A APRENDIZAGEM E O ENSINO TÉCNICO SÃO O FUTURO ECONÓMICO DA NAÇÃO

O salário justo! O salário familiar! O direito ao trabalho! A Providência!

Belas palavras estas, grandes aspirações humanas e cristãs, magnífico e apaixonante programa!

A economia internacional, enormemente desenvolvida pelos espantosos progressos da técnica, força-nos a pensar a sério no desenvolvimento da nossa própria técnica! Como poderemos exportar, bater no interior a concorrência externa, se não dermos, nós mesmos, um grande passo em frente no desenvolvimento e no progresso da nossa técnica!

A prosperidade da nação, portanto a prosperidade da classe operária, a elevação do seu nível de vida, a sua ascensão progressiva, mais do que nunca, estão dependentes da produtividade das nossas indústrias.

Mas não basta melhorar a máquina. A máquina só produzirá verdadeiramente aquela riqueza indispensável ao progresso da Nação, quando a qualidade do trabalho fizer render inteiramente a máquina.

Boa técnica industrial, boa qualidade de trabalho são as duas condições indispensáveis para se obterem produtos de valor que nos permitam ocupar um lugar nos mercados internacionais, como as outras nações que se preocupam com o problema vital do equilíbrio da sua balança comercial.

Com efeito, como poderemos nós resistir ao extraordinário desenvolvimento industrial de certas grandes nações que estão fazendo um esforço gigantesco para melhorar em qualidade a sua produção?

Se até agora nenhuma nação poderia aspirar ao progresso se não baseasse a sua economia no aço, que será daqui por diante, em que, além do aço, aparece o alumínio a abrir as portas da riqueza?

Não temos ainda a produção do aço, mas podemos tê-la dentro em breves anos. Mas para nós não limitarmos a exportar as matérias primas — o que nos deixará sempre em situação de inferioridade — urge começar desde já a preparar as bases de um adequado ensino técnico, que, em ligação com a aprendizagem, dote a Nação de um número suficiente de trabalhadores intelectuais e manuais com as qualidades exigidas para a grande batalha da técnica futura.

Precisamos de homens completos, que dominem perfeitamente as suas mãos e os seus cérebros, que tenham consciência do seu valor social e económico, e que sejam capazes de dar à Nação aquela riqueza, digamos, a elevação do nível de

vida àquele estalão a que temos todos direito.

O ensino técnico e a aprendizagem não são apenas exigências sociais, nem reivindicações de sentido moral para a dignificação da pessoa dos trabalhadores. São exigências vitais da prosperidade nacional. Se nós quisermos, disse-se um dia, nós poderemos ser uma grande e próspera nação.

Não o seremos nunca se a aprendizagem e o ensino técnico não dotarem Portugal duma grande massa de trabalhadores à altura das exigências nacionais.

## GUERRA AO ACIDENTE DE TRABALHO



Cuidado com as mãos! Tome atenção! Veja bem como acompanha as peças ao cortar. Não aproxime demasiadamente as mãos da serra.

Verifique se a peça ou pranchas que vai cortar têm pregos ou ferros. Uma serra partida em movimento pode ocasionar graves acidentes.

Atenção, portanto! Defenda a sua vida e a dos seus camaradas de trabalho!

## GUERRA AO ACIDENTE DE TRABALHO!

## À MARGEM DO PROBLEMA RURAL

O maior rendimento da produção agrícola e uma melhoria notável das condições de vida, nomeadamente no que diz respeito à habitação dos trabalhadores do campo, são dados essenciais para a resolução de todas as questões económicas e sociais do país.

Tratando-se do mais numeroso e mais importante sector da população portuguesa, há-de certamente o Governo fixar aí a sua atenção, pois não lhe faltam elementos para avaliar da situação, e ainda de modo especial, no último dos aspectos citados.

Outros países têm também os seus problemas rurais, que procuram resolver.

## A PRESENÇA DOS CRISTÃOS NO MUNDO DO TRABALHO

Encontrámos no Boletim de Abril do corrente ano, da Confederação dos Sindicatos Cristãos da Bélgica que, naquele país, tão galhardamente se tem batido na defesa dos justos direitos dos trabalhadores dentro de uma evolução pacífica e de acordo com as Encíclicas Sociais, esta declaração de princípios, firmada pelo seu Assistente Eclesiástico, cônego M. Heffels, que publicamos para documentação dos nossos leitores:

### O nosso trabalho no temporal

#### I — Valores em declínio.

De entre os valores burgueses em declínio alguns há que se enxertam nos próprios valores humanos. Importa defendê-los e fazer a distinção entre a ideologia burguesa e a verdade permanente.

E é assim que temos fortes razões para dar a nossa vida pela liberdade e nenhuma pelo conceito liberal da liberdade (liberdade ilimitada, egoísta) que vimos condenando há um século.

Nos temos fortes razões para defender o direito humano e cristão da propriedade, garantia da liberdade pessoal, mas não a noção liberal deste direito ainda frequentemente inserida nos conceitos dos legisladores do nosso século.

Os Cristãos devem realizar no temporal um trabalho «de assunção e de incarnação».

#### II — Assunção de novas estruturas — Incarnação dos valores humanos.

Esta acção requer simultaneamente muita liberdade, audácia e prudência.

Este trabalho não poderá conceber-se sem um fatigante esforço de pensamento, conhecimento, compreensão, critério e sobretudo de imaginação e invenção.

Esta obra exige militantes leigos:

- intelectual e espiritualmente formados;
- senhores dum perfeito critério cristão;
- a viverem na massa, no meio a transformar;
- competentes a dentro das técnicas temporais para passar do protesto à construção; da reivindicação à edificação.

É por isso que se nos impõe a meditação e difusão das seguintes ideias. A acção dos Cristãos nas estruturas sociais e económicas deve representar:

- 1) uma assunção de liberdade, mas de ordem, de eficácia e de autoridade, não uma assunção autoritária ou totalitária;
- 2) uma assunção comunitária em que cada um possa desenvolver todos os talentos da sua própria personalidade e não uma organização «colectivista» preocupada na fusão da pessoa na colectividade;
- 3) uma assunção de colaboração e de co-gestão entre todos os factores da produção, do capital e do trabalho;
- 4) uma assunção na qual o Social prevaleça sobre o individual e em que o económico esteja ao serviço do social;
- 5) A ascensão dum escol operário de pensamento, de coração e de trabalho é uma necessidade absoluta.

Amar não é olhar juntos na mesma direcção: Deus?

Dois autores diferentes não encontraram eles, ao pintarem o Homem nazi e o Homem estaliniano, a mesma imagem: Uns olhos de peixe morto? Olhar de homem sem alma num mundo sem alma.

A tarefa, a missão presente dos Cristãos, dos Sindicatos Cristãos em particular, é dar aos trabalhadores um olhar de Homem pronto a encontrar o olhar de Deus.

## CRISTIANISMO SOCIAL

PELO PADRE ABEL VARZIM

1—Aquilo que vos mando é que vos ameis uns aos outros:

mas que vos ameis tal qual vos amei a vós.

E os homens conhecerão quais são os meus discípulos exactamente pelo amor que tiverem aos seus irmãos.

(Ev. de S. João, cap. 13)

2—O amor impõe deveres: E o primeiro deles todos é a dedicação —

—dedicação até ao sacrifício do que temos e do que somos,

porque, sem dedicação, o amor é mentira e hipocrisia.

3—Por isso aquele que ama reparte com a pessoa amada

não só os seus bens mas também os seus afec-

tos: O pão da sua mesa o azeite da candeia as suas alegrias e a sua fé.

4—O que passa indiferente à sorte do seu irmão, que não dá do seu pão ao faminto,

nem da sua roupa ao esfarrapado,

nem sabe beijar as chagas dos feridos,

nem enxugar as lágrimas dos que choram,

nem compadecer-se dos que erram,

esse não é de Cristo.

5—Mas, se se finge seu discípulo, e, ao mesmo tempo, esquece ou despreza o Mandamento do Senhor,

esse é pior que os infieis, e torna-se o maior inimigo da nossa fé.

6—Porque muitos esqueceram que o Mandamento do cristão

é o amor dos irmãos, e os não socorrem nas suas misérias,

nem os amparam nos seus erros,

nem os confortam nas suas dores,

nem os compreendem nas suas queixas;

Porque muitos o esqueceram...

os humildes, os pobres, os torturados, os famintos, os dependentes, os esfomeados de justiça,

julgam que o cristianismo acabou,

e Cristo já não vive,

nem pode ser a sua esperança!

7—E procurarão, no desespero, outros salvadores, até que os cristãos

voltém de novo a ser cristãos,

e a amar os seus irmãos, como amaram, no princípio, aqueles que se fizeram pobres

e a tudo renunciaram para fazer vingar o Amor.



DO PAÍS

Pelo Ministro da Economia foram criados diversos organismos para substituir outros cuja eficácia exigia remodelação ou completo desaparecimento.

Vai brevemente inaugurar-se no Porto o novo Albergue Distrital de Mendicidade.

O 2.º Congresso Nacional de Engenharia, que se inaugurou há pouco em Lisboa, iniciou agora os seus trabalhos na capital do Norte.

Foram criadas duas comissões destinadas ao abastecimento regular da batata em Lisboa e Porto.

Passou agora o tricentário da restauração de Angola (1648). Houve várias comemorações, sobressaindo, entre elas, a sessão solene promovida pela Sociedade de Geografia, sob a presidência do Chefe do Estado.

Luanda vai ficar ligada telefonicamente a Lisboa. Em Novembro deve ficar pronto o edifício da Central Automática de Luanda, cuja construção, aparelhagem e rede está orçada em 20 mil contos.

Inaugurou-se em Bissau, a graciosa capital da Guiné, o novo estádio, cujas obras se iniciaram em 1946.

O rio Alva e a ribeira de Tomares (Avô) vão ser repovoadas com 30 mil frutas, em satisfação de um pedido feito à Direcção Hidráulica do Mondego.

Os empregados das Companhias de Seguros estudam a revisão do contrato colectivo de trabalho.

Está prevista a idade mínima de dez anos para a extração da cortiça, em defesa da sua qualidade.

Cerca de 700 crianças de vários distritos (2.º turno) foram para as colónias balneares da E. N. A. T.

Por motivo de avaria nos motores, caiu, no Lumiar, um avião de treino da Aeronáutica Civil. Não houve, felizmente, desastres pessoais a lamentar, embora dos seus quatro tripulantes um deles tivesse ficado gravemente ferido, o piloto Abel Cândia Ferreira.

A Inglaterra vai fornecer Portugal de duzentas mil toneladas de carvão.

DO ESTRANGEIRO

Parece não ter produzido o desejado efeito, entre árabes e judeus, a aceitação de trêz dias durante quatro semanas, pois a luta recomeçou em aspectos de maior violência em algumas frentes.

O mediunismo da O. N. U., conde Bernadotte, vai iniciar as negociações de paz.

Vão ser postos à disposição do pessoal encarregado de fiscalizar o cumprimento da trêz dias cinco aviões e alguns «jeeps».

Na fiscalização marítima participam seis navios de patrulha: 3 americanos, 2 franceses e 1 belga. Não há qualquer funcionário britânico entre o pessoal de fiscalização.

O secretário geral da O. N. U., Trygve Lie, defende a criação de uma força militar das Nações Unidas para fazer executar as decisões do Conselho de Segurança.

A refinaria de petróleo de Caífa que em 1947 produziu 4 milhões de toneladas, vai deixar de funcionar.

O governo inglês aprovou as recomendações dos 6 na sua reunião

COOPERATIVA POPULAR DE PORTUGAL

S. A. C. R. L. SÉDE, RUA DAS JANELAS VERDES, 47 TELEFONE 61464 LISBOA.

AVISO

Cumprindo o § único do art.º 16.º dos Estatutos, convocamos os sócios desta Cooperativa a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária, na sua sede, Rua das Janelas Verdes, 47, pelas 20.30 horas do dia 26 do corrente mês, com a seguinte ordem da noite:

ELEIÇÃO DA DIRECÇÃO

Não havendo número legal de sócios, a Assembleia funcionar, em 2.ª convocação, pelas 21.30 horas no mesmo dia e local com qualquer número.

Lisboa, 10 de Junho de 1948 O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL: António Pereira Caetano Moraes

sobre o estabelecimento da Assembleia Constituinte para a Alemanha e a fiscalização internacional do Ruhr.

O ministro dos Estrangeiros da França, no debate da Assembleia Nacional sobre a Conferência de Londres, defendeu que a Alemanha deve recuperar o seu lugar como membro pacífico na comunidade europeia, e que não há nada pior do que a existência de duas Alemanhas.

De Gaulle manifestou-se contra a recomendação da Conferência de Londres sobre a Alemanha.

As declarações de De Gaulle são interpretadas em Inglaterra como feitas com o propósito de alcançar o poder.

O general Clay declarou que a actual administração anglo-americana da Alemanha vai actuar como governo até a Alemanha ocidental escolher governo próprio.

Smuts discursou em Londres; além de várias declarações, denunciou os períodos da nova técnica de conquista da Bissau, que substituiu a Alemanha nazista.

A grande tarefa que hoje se apresenta, declarou Smuts, é a de salvar material e espiritualmente a Europa.

A Checoslováquia, por força da nova Constituição, entrou em regime comunista.

O antigo presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Parlamento da Checoslováquia afirmou que «New York Herald Tribune» existia em tratado secreto, desde 1945, entre os governos checo e russo que permitia aos soviéticos a fiscalização absoluta das minas de urânio na Boémia.

Em Viena estudou-se o restabelecimento das relações entre a Áustria e Portugal.

Por ter chocado com uma mina ao norte da Dinamarca afundou-se o vapor costeiro dinamargués «Koebenhavn». Seguem a bordo 400 passageiros, tendo sido dados como desaparecidos 127.

Trabalho na indústria de Lanifícios. Comigo trabalha um camarada que passou da secção de preparação, onde tinha o salário de 23800 por dia, para a secção de tinturaria, e para um lugar cujo salário é de 21500.

Não lhe baixaram o salário. Agora, porém, o mestre, que não simpatizou com ele ou com o trabalho dele, ameaça-o de despedimento, alegando que ele ganha mais que o salário estabelecido.

Pode fazê-lo? E se puder, quais os direitos do operário neste caso?

No caso vertente, não há lugar para despedimento com justa causa. Ao menos com o fundamento alegado. Para isso ainda a lei 1952 é bem explícita.

Não havendo lugar a despedimento com justa causa, parece que não devia haver lugar a despedimento.

Portanto concluímos verificando que os capitais lucrativos não são riqueza social mas apenas individual. Com efeito, se os multiplicarmos, não aumenta a riqueza nacional. Uma casa vendida sucessivamente pode ser motivo de enriquecimento individual dos vários vendedores sucessivos, mas o património nacional não aumentou. É a mesma casa. O fenómeno que se deu foi pois de repartição de riqueza, visto que o dinheiro que um ganhou outro o perdeu.

O capital produtivo, esse é um capital social, visto que a multiplicação de fábricas, edifícios, máquinas, matérias primas, etc., é um autêntico enriquecimento progressivo da nação. Daqui se conclue facilmente que se deve combater o enriquecimento por meio de capitais lucrativos (pois representam apenas deslocação de riquezas) e, pelo contrário, favorecer ou estimular o enriquecimento por meio de capitais produtivos que, esses, aumentam o capital social e, por isso, o nível de vida da nação. Um governo que queira enriquecer a nação deve, por isso, facilitar o crédito industrial e agrícola, e dificultar o crédito comercial e os rendimentos de todos os capitais lucrativos, a fim de que as pessoas diluam a sua actividade para a produção e não para o rendimento ou o ganho sem produção.

Isto daria pano para mangas, mas então seria já sair do âmbito destas conversas económicas. No entanto há aqui matéria abundante para sérias reflexões e para base de uma política económica mais eficaz.

Faltá-nos falar ainda do dinheiro. É ou não capital?

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

— Estou estabelecido no Porto com uma loja de fazendas e miudezas em que trabalho sózinho, porque o negócio não dá para ter empregados.

Recebi um ofício da Caixa Sindical para descontar para aquela Instituição a quantia de 120500 mensais. Não será exorbitante esta contribuição uma vez que pago 870500 anuais — menos, portanto — de Contribuição Industrial?

Devendo pagar o duplo desconto de empregado e patrão sobre o ordenado de caixeiro, é essa a contribuição que lhe compete.

Assentei praça a 2 de Março de 1931. Fui depois a uma Junta Médica que me deu baixa de serviço em 26 do mesmo mês e ano, por «incapacidade física, podendo angrar meios de subsistência», como consta da caderneta militar.

Depois disso, longa doença me impossibilitou de trabalhar. Presentemente sinto-me apto para o trabalho e, se fosse possível, desejaria tirar a carta de condução. Não sei, porém, se sou ou não devedor da taxa militar que nunca paguei. Não desejaria começar a tratar dos «papeis» para a

No caso de não conseguir certidão de óbito de um indivíduo que faleceu no Brasil há 25 anos, qual o documento que pode substituí-la para acompanhar um requerimento de Abono de Família para a viúva?

Creio que basta uma certidão, passada pela Junta de Freguesia, comprovativa de que a viúva, ou profeta ouvia, vive em comunhão de mesa e habitação com filho ou neto, e de que não tem rendimentos próprios para viver.

Exerco a minha profissão há 25 anos e trabalho na fábrica onde actualmente estou, há 22 anos, dos quais 17 ao serviço da mesma firma, como consta do quadro do pessoal.

Qual o tempo que devo referir na declaração a apresentar na Caixa de Previdência?

A minha informação pode prejudicá-lo, se não esclarecer primeiramente o fim da declaração. Queira, pois, fazê-lo.

Trabalho na indústria de Lanifícios. Comigo trabalha um camarada que passou da secção de preparação, onde tinha o salário de 23800 por dia, para a secção de tinturaria, e para um lugar cujo salário é de 21500.

Não lhe baixaram o salário. Agora, porém, o mestre, que não simpatizou com ele ou com o trabalho dele, ameaça-o de despedimento, alegando que ele ganha mais que o salário estabelecido.

Pode fazê-lo? E se puder, quais os direitos do operário neste caso?

No caso vertente, não há lugar para despedimento com justa causa. Ao menos com o fundamento alegado. Para isso ainda a lei 1952 é bem explícita.

Não havendo lugar a despedimento com justa causa, parece que não devia haver lugar a despedimento.

Portanto concluímos verificando que os capitais lucrativos não são riqueza social mas apenas individual. Com efeito, se os multiplicarmos, não aumenta a riqueza nacional. Uma casa vendida sucessivamente pode ser motivo de enriquecimento individual dos vários vendedores sucessivos, mas o património nacional não aumentou. É a mesma casa. O fenómeno que se deu foi pois de repartição de riqueza, visto que o dinheiro que um ganhou outro o perdeu.

O capital produtivo, esse é um capital social, visto que a multiplicação de fábricas, edifícios, máquinas, matérias primas, etc., é um autêntico enriquecimento progressivo da nação. Daqui se conclue facilmente que se deve combater o enriquecimento por meio de capitais lucrativos (pois representam apenas deslocação de riquezas) e, pelo contrário, favorecer ou estimular o enriquecimento por meio de capitais produtivos que, esses, aumentam o capital social e, por isso, o nível de vida da nação. Um governo que queira enriquecer a nação deve, por isso, facilitar o crédito industrial e agrícola, e dificultar o crédito comercial e os rendimentos de todos os capitais lucrativos, a fim de que as pessoas diluam a sua actividade para a produção e não para o rendimento ou o ganho sem produção.

Isto daria pano para mangas, mas então seria já sair do âmbito destas conversas económicas. No entanto há aqui matéria abundante para sérias reflexões e para base de uma política económica mais eficaz.

Faltá-nos falar ainda do dinheiro. É ou não capital?

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

— Estou estabelecido no Porto com uma loja de fazendas e miudezas em que trabalho sózinho, porque o negócio não dá para ter empregados.

Recebi um ofício da Caixa Sindical para descontar para aquela Instituição a quantia de 120500 mensais. Não será exorbitante esta contribuição uma vez que pago 870500 anuais — menos, portanto — de Contribuição Industrial?

Devendo pagar o duplo desconto de empregado e patrão sobre o ordenado de caixeiro, é essa a contribuição que lhe compete.

Assentei praça a 2 de Março de 1931. Fui depois a uma Junta Médica que me deu baixa de serviço em 26 do mesmo mês e ano, por «incapacidade física, podendo angrar meios de subsistência», como consta da caderneta militar.

Depois disso, longa doença me impossibilitou de trabalhar. Presentemente sinto-me apto para o trabalho e, se fosse possível, desejaria tirar a carta de condução. Não sei, porém, se sou ou não devedor da taxa militar que nunca paguei. Não desejaria começar a tratar dos «papeis» para a

No caso de não conseguir certidão de óbito de um indivíduo que faleceu no Brasil há 25 anos, qual o documento que pode substituí-la para acompanhar um requerimento de Abono de Família para a viúva?

Creio que basta uma certidão, passada pela Junta de Freguesia, comprovativa de que a viúva, ou profeta ouvia, vive em comunhão de mesa e habitação com filho ou neto, e de que não tem rendimentos próprios para viver.

Exerco a minha profissão há 25 anos e trabalho na fábrica onde actualmente estou, há 22 anos, dos quais 17 ao serviço da mesma firma, como consta do quadro do pessoal.

Qual o tempo que devo referir na declaração a apresentar na Caixa de Previdência?

A minha informação pode prejudicá-lo, se não esclarecer primeiramente o fim da declaração. Queira, pois, fazê-lo.

Trabalho na indústria de Lanifícios. Comigo trabalha um camarada que passou da secção de preparação, onde tinha o salário de 23800 por dia, para a secção de tinturaria, e para um lugar cujo salário é de 21500.

Não lhe baixaram o salário. Agora, porém, o mestre, que não simpatizou com ele ou com o trabalho dele, ameaça-o de despedimento, alegando que ele ganha mais que o salário estabelecido.

Pode fazê-lo? E se puder, quais os direitos do operário neste caso?

No caso vertente, não há lugar para despedimento com justa causa. Ao menos com o fundamento alegado. Para isso ainda a lei 1952 é bem explícita.

Não havendo lugar a despedimento com justa causa, parece que não devia haver lugar a despedimento.

Portanto concluímos verificando que os capitais lucrativos não são riqueza social mas apenas individual. Com efeito, se os multiplicarmos, não aumenta a riqueza nacional. Uma casa vendida sucessivamente pode ser motivo de enriquecimento individual dos vários vendedores sucessivos, mas o património nacional não aumentou. É a mesma casa. O fenómeno que se deu foi pois de repartição de riqueza, visto que o dinheiro que um ganhou outro o perdeu.

O capital produtivo, esse é um capital social, visto que a multiplicação de fábricas, edifícios, máquinas, matérias primas, etc., é um autêntico enriquecimento progressivo da nação. Daqui se conclue facilmente que se deve combater o enriquecimento por meio de capitais lucrativos (pois representam apenas deslocação de riquezas) e, pelo contrário, favorecer ou estimular o enriquecimento por meio de capitais produtivos que, esses, aumentam o capital social e, por isso, o nível de vida da nação. Um governo que queira enriquecer a nação deve, por isso, facilitar o crédito industrial e agrícola, e dificultar o crédito comercial e os rendimentos de todos os capitais lucrativos, a fim de que as pessoas diluam a sua actividade para a produção e não para o rendimento ou o ganho sem produção.

Isto daria pano para mangas, mas então seria já sair do âmbito destas conversas económicas. No entanto há aqui matéria abundante para sérias reflexões e para base de uma política económica mais eficaz.

Faltá-nos falar ainda do dinheiro. É ou não capital?

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.

— Estou estabelecido no Porto com uma loja de fazendas e miudezas em que trabalho sózinho, porque o negócio não dá para ter empregados.

Recebi um ofício da Caixa Sindical para descontar para aquela Instituição a quantia de 120500 mensais. Não será exorbitante esta contribuição uma vez que pago 870500 anuais — menos, portanto — de Contribuição Industrial?

Devendo pagar o duplo desconto de empregado e patrão sobre o ordenado de caixeiro, é essa a contribuição que lhe compete.

Assentei praça a 2 de Março de 1931. Fui depois a uma Junta Médica que me deu baixa de serviço em 26 do mesmo mês e ano, por «incapacidade física, podendo angrar meios de subsistência», como consta da caderneta militar.

Depois disso, longa doença me impossibilitou de trabalhar. Presentemente sinto-me apto para o trabalho e, se fosse possível, desejaria tirar a carta de condução. Não sei, porém, se sou ou não devedor da taxa militar que nunca paguei. Não desejaria começar a tratar dos «papeis» para a

No caso de não conseguir certidão de óbito de um indivíduo que faleceu no Brasil há 25 anos, qual o documento que pode substituí-la para acompanhar um requerimento de Abono de Família para a viúva?

Creio que basta uma certidão, passada pela Junta de Freguesia, comprovativa de que a viúva, ou profeta ouvia, vive em comunhão de mesa e habitação com filho ou neto, e de que não tem rendimentos próprios para viver.

Exerco a minha profissão há 25 anos e trabalho na fábrica onde actualmente estou, há 22 anos, dos quais 17 ao serviço da mesma firma, como consta do quadro do pessoal.

Qual o tempo que devo referir na declaração a apresentar na Caixa de Previdência?

A minha informação pode prejudicá-lo, se não esclarecer primeiramente o fim da declaração. Queira, pois, fazê-lo.

Trabalho na indústria de Lanifícios. Comigo trabalha um camarada que passou da secção de preparação, onde tinha o salário de 23800 por dia, para a secção de tinturaria, e para um lugar cujo salário é de 21500.

Não lhe baixaram o salário. Agora, porém, o mestre, que não simpatizou com ele ou com o trabalho dele, ameaça-o de despedimento, alegando que ele ganha mais que o salário estabelecido.

Pode fazê-lo? E se puder, quais os direitos do operário neste caso?

No caso vertente, não há lugar para despedimento com justa causa. Ao menos com o fundamento alegado. Para isso ainda a lei 1952 é bem explícita.

Não havendo lugar a despedimento com justa causa, parece que não devia haver lugar a despedimento.

Portanto concluímos verificando que os capitais lucrativos não são riqueza social mas apenas individual. Com efeito, se os multiplicarmos, não aumenta a riqueza nacional. Uma casa vendida sucessivamente pode ser motivo de enriquecimento individual dos vários vendedores sucessivos, mas o património nacional não aumentou. É a mesma casa. O fenómeno que se deu foi pois de repartição de riqueza, visto que o dinheiro que um ganhou outro o perdeu.

O capital produtivo, esse é um capital social, visto que a multiplicação de fábricas, edifícios, máquinas, matérias primas, etc., é um autêntico enriquecimento progressivo da nação. Daqui se conclue facilmente que se deve combater o enriquecimento por meio de capitais lucrativos (pois representam apenas deslocação de riquezas) e, pelo contrário, favorecer ou estimular o enriquecimento por meio de capitais produtivos que, esses, aumentam o capital social e, por isso, o nível de vida da nação. Um governo que queira enriquecer a nação deve, por isso, facilitar o crédito industrial e agrícola, e dificultar o crédito comercial e os rendimentos de todos os capitais lucrativos, a fim de que as pessoas diluam a sua actividade para a produção e não para o rendimento ou o ganho sem produção.

Isto daria pano para mangas, mas então seria já sair do âmbito destas conversas económicas. No entanto há aqui matéria abundante para sérias reflexões e para base de uma política económica mais eficaz.

Faltá-nos falar ainda do dinheiro. É ou não capital?

Em quanto tal. Mas como representa a possibilidade de aquisição de todos os bens, confunde-se ordinariamente com o capital. Que tem dinheiro tem todos os bens de produção ou de consumo, equivalentes em valor. Por isso o dinheiro pode servir como representação de capital produtivo, de capital lucrativo ou de bens de consumo.



Terminamos hoje a publicação das quadras seleccionadas, com duas, subscritas por *Eu*, uma para o concurso e outra extra-concurso. Não sabemos quem é *Eu*, mas cremos que é uma operária: é um palpite nosso; teremos errado? A quadra do concurso é como segue:

*Na minha casa modesta  
Onde Jesus se acomodou,  
Toda a gente tem guardada  
Desde que por bem venha.*

O último verso, principalmente o final, é pouco harmonioso, e está errado pois só tem seis sílabas.

A segunda quadra (extra-concurso) traduz a ansiedade da concorrente por saber o resultado do concurso:

*«Eu gostava de saber  
Se a minha quadra marcou,  
Se ela entrou no concurso  
E em que número ficou.»*

Responda se sabe...

(... se não sabe veja a resposta no final)

- 1) Sabe qual o verdadeiro nome de D. Pedro IV?
- 2) Como se chamam os habitantes de: Alcoutim; Colares; Freixo de Espada-a-Cinta; Góis; Guarda; Lorbão; Penaguão; Ribã Coa; Seia; Cádiz e Buenos Aires?
- 3) Sabe o que é o *plexus* (ou *plexo*) solar e onde se localiza no nosso corpo?

### Solução do n.º 21

1) Clepsidras, são os antigos relógios de água ou areia. Consistiam de um receptáculo, com uma saída extremamente estreita, do qual cheia de água ou areia (conforme a construção) levava uma hora a esvaziar. Foram inventados pelos Caldeus, quando do esplendoroso desenvolvimento da antiquíssima civilização assírio-caldeia.

2) A Ilha açoriana dos romanos. Nos tempos primitivos da fundação de Roma, Rómulo para povoar a cidade deu nela asilo aos vagabundos, malfieiros e escravos fugitivos, e como não houvesse mulheres arrebatavam estas as sabinas nas festas públicas, dando-lhe o nome de *Tútu*, rei dos sabinos, atacasse Roma e confundiram-se num só os dois povos. Por morte de Rómulo sucedeu Numa Pompílio que abrandou a ferocidade dos romanos, decretando leis sábias e prudentes. Mais tarde o imperador Sêrvio Túlio dividiu o povo em centúrias, cunhou moedas e quando se preparava para elevar moralmente o seu povo foi assassinado por seu genro Tarquínio o Soberbo. Os Tarquínios foram expulsos do governo e este confiado a dois consules eleitos anualmente. Rebeleições então em Roma uma sedição que Menênio Agripa pôde conter e que teve origem nos variados partidos que se formaram após a expulsão dos Tarquínios e da abolição da realza, os quais procuravam, à força, anexar

## DE TODOS OS DESPORTOS

(Continuação da 3.ª pág.)

ção da colectividade, está o Ateneu — tão velhinho e tão útil — a comemorar 68 jubileus anos de existência.

Ao valioso instituto desportivo e técnico — profissional — os parabéns de «O Trabalhador», com os votos de que bem continue a servir a grei para da grei continue a bem merecer.

— António Vilarbó foi o vencedor do troféu «Duarte Belo», disputado no último domingo, numa prova de vela em esbarpes de 12 metros.

Nos últimos jogos a contar para o Campeonato de Lisboa de Oquei em Campo verificaram-se os seguintes resultados:

Futebol Benfica—Atlético, 1-0; e Benfica—Oquei, 2-0; Benfica—Bele-nenses, 2-0 e Futebol Benfica—Oquei, 5-0. O Benfica continua à frente da classificação.

— Principiaram na semana passada, com os Campeonatos de Principiantes, as provas oficiais de Atletismo. O Benfica venceu folgadoamente, seguido do Sporting e dos Belenenses.

JOSÉ ILHARCO

# APRENDAMOS CONTABILIDADE

## LANÇAMENTOS

4.ª LIÇÃO Por DIAS NEVES

Tendo em vista o melhor rendimento das lições que se seguirão, passamos a dar, no presente artigo, exemplos de lançamentos, em que aparecerão contas que, até aqui, desconhecíamos. Mas primeiro detenhamo-nos um instante, na classificação das mesmas contas.

Diz o povo: cada cabeça, cada sentença. Pois bem, em Contabilidade, cada tratadista, sua divisão de contas.

Nós escolhemos a que nos parece mais simples e porque mais se adapte aos nossos objectivos. Assim, dividiremos as contas em:

### CONTAS PESSOAIS CONTAS IMPESSOAIS CONTAS DE RESULTADOS

Das primeiras, *contas pessoais*, fôrão parte: Devedores e Credores, Fornecedores, Clientes, Bancos, etc. Nas *contas impessoais* incluímos, dentre muitas outras, as seguintes: Caixa, Mercadorias, Matérias Primas, Móveis e Utensílios, Imóveis e Consignações.

Em ambas as contas acima, pes-

soais e impessoais, se aplica o princípio que já conhecemos:

*Quem recebe, deve  
Quem entrega, tem a haver*

Restam as *contas de resultados* de que fazem parte, como muitas outras, as que conhecemos, através do presente curso, as seguintes contas: Gastos Gerais, Contribuições e Impostos, Comissões e Perdas e Lucros.

Por ora, fixemos para estas contas a regra seguinte:

As *contas de resultados* são *debitadas* pelos *prejuízos* e *creditadas* pelos *lucros*.

Lá mais para diante, quando a nossa bagagem comportar mais sólidos conhecimentos da ciência que há pouco começamos a aprender, os nossos daremos deste, como de tantos outros princípios e definições, de aparência tão empírica.

Passemos aos lançamentos: Como dissemos, no artigo anterior, as fórmulas que se seguem (dos exemplos que vamos dar) são registadas, as fórmulas, pela economia de espaço terão a disposição, já ensinada, que é usada, quando se faz qualquer

de de Barcelos, de Ourém, de Faria e de Neiva e de Arraiolos.

2) Respectivamente: alcoteuque; colares; freixo; góis; guarda; lorbão; penaguão; ribã; seia; cádiz e buenos aires; senense; gaditano e bonarense.

3) *Plexo solar* — A medicina ensina-nos que, na parte posterior do abdome, junto à coluna vertebral, atrás de vísceras importantes, como o fígado e o estômago, existem dois gânglios nervosos, muito importantes, apenas da grossura dum feijão, unidos a outros mais pequenos por filetes nervosos. O seu conjunto forma uma rede a que se chama o *plexus*, o qual envia ramos nervosos a todos os órgãos importantes do abdome e mesmo do torax.

Assim, estes gânglios nervosos constituem centros capitais da sensibilidade, movimentos respiratórios, circulação e finalmente da vida das grandes vísceras do ventre. São como que um outro cérebro, um cérebro abdominal, que, além disso, está em ligação com as fibras nervosas de união com o grande nervo (o pneumo-gástrico).

A importância das funções do *plexus solar* é então considerável, e um golpe violento, atingindo este órgão tão sensível, sentir-se-á o primeiro e mais violento depois disso.

Fixe bem: eu tenho ouvido falar muitos e bons oradores. Tenho ouvido é que é a forma correcta.

d) Sabe o significado da palavra *remem*?

É muito simples: *muito meu*.

Re é um prefixo de intensidade que se emprega em palavras ou expressões como estas: *isto é meu e remeu* (é muito meu); *muito e remeu*; *tanta e retanta*; *senhor e ressenhor*; *melhor e remelhor*; *não e renão*; *sim e ressim*.

Gil Vicente usou num dos seus autos a forma antiga *ressi* equivalente à actual *ressim*.

O emprego deste prefixo, devemos dizê-lo, só se deve fazer-se na linguagem popular.

Se quer sorrir...

### Precisão

O chefe de policia: — É estrangeiro? — Sou. Com excepção destes dois dentes posticos...

### Castigo de petulância...

Alfere novo — Capitão, venho pedir-lhe a mão de sua filha... Capitão antigo — Meia volta à direita! Ordinarí! Marche!

### No estúdio

O realizador: — Então compreendeu? O sr. corre e o leão persegue-o durante cinquenta metros.

O artista: — Eu compreendi, mas o leão!...

### Responda se sabe...

### Soluções deste número

1) D. Pedro d'Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Braugança e Bourbon.

Seus títulos eram: Duque de Braugança; marquês de Vila Viçosa; con-

lançamento, no livro *DIÁRIO* que, muito em breve, estudaremos, com a minúcia que requer.

1.º Lançamento: *Compra de mercadorias, a dinheiro*

A conta «Mercadorias» (também são usados outros títulos, tais como «Armazém», «Mercadorias Gerais» e «Fazendas Gerais») porque recebeu, deve, enquanto a conta «Caixa», pela entrega de dinheiro, na altura da operação, tem a haver. Logo:

Mercadorias  
a Caixa

2.º Lançamento: *Venda de mercadorias, a dinheiro*

Se, em vez de comprar, tivéssemos vendido mercadorias, a contado (quer dizer, a dinheiro) teríamos o lançamento:

Caixa  
a Mercadorias

porque enquanto a conta «Mercadorias» entregou mercadorias e portanto tem a haver, a conta «Caixa» deve, porque recebeu a importância da venda efectuada.

3.º Lançamento: *Compra de Mercadorias, a prazo*

Neste caso, a conta «Mercadorias» deve a importância das mercadorias recebidas a «Devedores e Credores» (no exemplo presente, podemos substituir o título «Devedores e Credores» pelos de: «Fornecedores» ou simplesmente «Credores»). Esta operação daria lugar ao seguinte lançamento:

Mercadorias  
a Devedores e Credores

ou

Mercadorias  
a Credores

ou ainda

Mercadorias  
a Fornecedores

4.º Lançamento: *Venda de mercadorias, a prazo*

Suponhamos, que tínhamos realizado uma venda, a prazo. Tudo sucederia de modo inverso do exemplo anterior e o lançamento seria:

Devedores e Credores  
a Mercadorias

ou

Devedores  
a Mercadorias

ou ainda

Clientes  
a Mercadorias

5.º Lançamento: *Depósito num Banco. Teríamos:*

Depósitos à Ordem  
a Caixa

porque se da conta «Caixa» saiu dinheiro e este foi depositado no Banco, quer dizer, a conta «Depósitos à Ordem» recebeu, portanto deve, enquanto «Caixa», porque entregou, tem a haver.

Se, em vez de um depósito, tivéssemos feito um levantamento, tudo se daria de forma inversa e teríamos então:

Caixa  
a Depósitos à Ordem

porque a conta «Caixa» teria recebido o dinheiro, devendo-o, saído da conta «Depósitos à Ordem» que o teria a haver.

6.º Lançamento: *Pagamento de ordenados*

Podemos fazer dois lançamentos, se considerarmos a conta «Gastos Gerais», e portanto:

Gastos Gerais  
a Caixa

ou se tivéssemos especificado o gasto e então:

Ordenados  
a Caixa

porque se a conta «Caixa» pagou, entregou, e portanto tem a haver, e as contas «Gastos Gerais» e «Ordenados», contas de resultados, porque causaram um prejuízo ou gasto, são debitadas.

Fixamos por aqui, pois o nosso caro leitor terá ocasião de travar conhecimentos com outras contas e com inúmeros outros lançamentos, em momento mais próprio, nos artigos que faltam publicar.

CÉSAR AFONSO

Calçada dos Barbadinhos, n.º 30-1.ª LISBOA

# VARIEDADES

## Graxa — (para amolecer)

Quando uma caixa de graxa seca, de modo a não poder já servir, misturam-se uns pingos de vinagre que permitirão espalhar a graxa sobre o cabedal.

## Chapéu de homem

Para evitar que os chapéus claros de homem se sujeem com a brilhantina do cabelo é boa ideia entalar uma tira de mata borrão, renovado de tempos a tempos, entre a tira que circunda o chapéu e o feltro. (Há chapéus que têm já uma tira de cabedal — para esses não é necessário empregar este sistema).

## Funil

Para encher frascos de perfume ou elixir que têm um orifício minúsculo pode fabricar-se um pequenino funil com uma casca de ovo em que se faça um buraco redondo com uma agulha grossa.

## Engomar

Quando tenha muita roupa para engomar, coloque os lenços, toalhas, fronhas (sem botões) e outros artigos direitos debaixo do pano de engomar enquanto passa o resto das coisas a ferro. Os artigos que estejam nesse sitio não precisarão, praticamente, de mais nenhum cuidado.

## Meias

Outra maneira de aproveitar meias velhas é cortar cada meia numa tira de 2 cm. em espiral à volta, a volta um pouco ao vício da meia. Esta tira encaracola à medida que se corta e é excelente para fazer mantas de crochê (é claro que é preciso para isso juntar muitas e muitas meias). As tiras juntam-se umas às outras com uns pontinhos de agulha e enrolam-se de forma a fazer noves. Com uma agulha de crochê grossa inicia-se a obra, antes mesmo de ter tiras que cheguem.

## Descanso para o ferro

Pondo o ferro a descansar sobre um tijolo, arrefece mais lentamente.

## Tabua de engomar

Um ou dois jornais dobrados cuidadosamente ao tamanho próprio para inserir na manga formam uma excelente tabua de engomar para o efeito. Os jornais cobrem-se com um pano.

# NÃO HAVERÁ REMÉDIO PARA ISTO?

Ina num «eléctrico». Um rapazito desnucoso que não devia ter mais de treze anos fumava sossegadamente por uma boquiela.

Sabia já perfeitamente aquela arte de ingerir e soprar fumo pelo nariz e pela boca. Ao lado dele um trabalhador estava visivelmente irritado com o espectáculo e com o vontade do pequeno pensando talvez no seu próprio filho; mas não dizia nada, julgando não ter autoridade para o repreender por não se tratar de seu filho.

«Mas eu acho que qualquer homem tem autoridade para repreender um rapazito que não esteja a proceder bem e acho que os pais do pequeno não de ser gratos a qualquer estranho que olhe pelo seu filho.»

E não compreendo, até, porque todos os homens não se combinam por palavras ou mesmo sem elas de forma a não permitirem que, a frente deles garotos, filhos dos seus companheiros de trabalho conhecidos ou desconhecidos, filhos de gente da mesma terra, filhos doutros portugueses, filhos doutros seus irmãos, estraiquem a sua saúde, enraizando em si o vício do fumo.

Se todos fossem da mesma opinião a juventude deixava de fumar e seria um bem para a Nação.

Falando da responsabilidade de todos de velarem pelos filhos dos outros para que os outros também velem pelos seus vem à baila o problema das tabernas.

Se nenhum homem consentisse rapazes na taberna, não se iniciariam estes tão cedo em vícios tão nefastos.

Parece uma questão para ser bem meditada.

Branca Gonta Colaço

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



# SE ELE FOSSE ASSIM...

Nascidos sob o signo duma moral unilateral, desde sempre protegidos por estúpidos convencionalismos que nos permitem coisas que às raparigas são interditas, nós os homens estamos dum modo geral sempre prontos a enunciar um certo número de qualidades que achamos indispensáveis naquela com quem queremos casar.

É tudo quanto há de mais belo aspirar à perfeição, ainda que essa perfeição não passe de relativa.

Gostaríamos que ela fosse assim, e assado, que soubesse fazer isto e aquilo, que nos pudesse compreender neste e naquele ponto de vista.

Deus quando instituiu o casamento teve certamente em vista qualquer coisa mais do que a simples procriação. Ele deve ter imaginado que seria uma das maneiras de reconquistar o paraíso perdido. Mas para isso Ele, a ambos impôs um certo número de obrigações.

Das obrigações que nós homens achamos que as mulheres têm para conosco, há muito se tem falado. Das outras, das que nós temos para com aquela a quem queremos dar o nosso nome, com quem queremos partilhar a existência, tudo o que ela tem de agradável e de penoso, desça-vou eu tentar dizer qualquer coisa.

A primeira grande condição para que um homem e uma mulher possam ser felizes no casamento é, evidentemente, gostarem um do outro. Vamos portanto principiar por acreditar que assim acontece.

O homem deve antes de tudo fazer quanto possa para que a mulher não perca aquela alegria e confiança que certamente logo de início adquiriu.

Porque não há-de ele ter depois de casado aquelas mesmas pequeninas atenções que tinha quando se namoravam?

Porque não há-de mostrar que aprecia os seus arranjos e elogiá-las das suas lembranças?



Em resumo, porque não há-de mostrar-lhe que agradece o seu carinho e que não esquece a dádiva que ela lhe fez? Umhas flores, uma lembrança, um sorriso até — qualquer coisa sem importância. Qual é a mulher que o não apreciaria?

No fundo, a vida não é mais que o somatório de todas estas pequenas coisas que nos fazem felizes.

O homem deve também procurar que a mulher tenha orgulho nele, tenha íntima satisfação em ser sua esposa. Claro que, se nem todos podem chegar a lugares de grande destaque, pelo menos cada um, dentro do seu lugar pode tornar-se respeitado, admirado, citado, e isto é quanto basta para que a mulher tenha orgulho.

Ele deve ser forte, tão forte que ela se sinta sempre protegida contra tudo e contra todos. Tão forte que ela nada receie.

É preciso que o marido não julgue que só os problemas do seu emprego, da sua oficina ou do seu escritório são importantes. A mulher também tem os seus para resolver. Eu calculo que governar uma casa não deve ser coisa extremamente fácil, e compreendo que isso, por vezes, arraste

o homem a fazer coisas que a mulher não perca aquela alegria e confiança que certamente logo de início adquiriu.

Porque não há-de ele ter depois de casado aquelas mesmas pequeninas atenções que tinha quando se namoravam?

Porque não há-de mostrar que aprecia os seus arranjos e elogiá-las das suas lembranças?

Os jornais cobrem-se com um pano.



Com esta vervejada tradicional que se recita diante das crianças para as divertir, os nossos avós ensinavam os filhos a falar com maior desembaraço.

Realmente é preciso dobrar a linguagem às crianças mesmo pequeninas acham muita graça.

— Qui-que-ri-qui  
— Casou Maria.  
— Qui-que-ri-qui,  
— Com quem seria?  
— Qui-que-ri-qui,  
— Com quem seria?  
— Qui-que-ri-qui,  
— Que lhe daria?  
— Qui-que-ri-qui,  
— Umhas chinelas  
— Qui-que-ri-qui?  
— De que seriam?  
— Qui-que-ri-qui,  
— De cardo-deu.  
— Qui-que-ri-qui  
— Casou João.

# NOÇÕES de puericultura

## Progride a criança?

Como sei se o meu filho progride? Assim pergunta toda a jovem mãe e realmente não há um só indicio para quã-la pois são vários e a mãe terá que observá-los atentamente.

O indicio principal é este: Se a criança digere bem o seu alimento o peso aumentará provavelmente 110 a 170 gramas por semana. Um aumento excessivo assim como também um aumento muito reduzido são ambos indicações de que a mãe deve vigiar a alimentação.

Quando o peso é normal, as carnes são duras, a pele é rosada e transparente e os olhos são vivos. A criança denota bem-estar e dorme sossegada, os seus intestinos funcionam regularmente e é normal o seu desenvolvimento.

## A chucha

Já são muitas hoje em dia as mães que sabem o mal que faz dar ao seu filho a chucha, no entanto poucas sabem porque é mau.

Os ossinhos da boca são muito tenros e se se acostuma a criança a estar todo o dia chupando a chucha ou do dedo, a pressão de chupar deformará os seus ossos e fará com que os dentes cresçam mal, se impeça a livre entrada do ar nos pulmões e que se impeça também a respiração expirando a criança a que se lhe desentolvam as amidaladas demasiadamente e tenha adenoides.

A excessiva abundância de saliva produzida pelo constante chupar é muito má para a digestão. Além de que a mãe deve-se lembrar que é inteiramente impossível manter a chucha em estado bem limpo e como a chucha passa constantemente da boca para o dedo e para as mãos e volta para a boca, recolhe microbóios perigosos que causam doenças. Quando se unta a chucha com mel, glicerina ou leite condensado é ainda muito pior para a criança porque se lhe perturba a digestão com tanta substância açucarada e estranha.

Talvez a chucha acalme o choro da criança; ao princípio mas depressa se acostumará a ela e chorará ainda mais e a mãe terá que distraí-la continuamente ou estar constantemente a dar-lhe e a tirar-lhe a chucha, a qual, a criança irritada não deixará de atrair para si.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que tudo deverá interessar-se por sua mulher. Está visível! Não lhe basta pagar as contas, mandar, dominar — há-de querer participar no dia a dia da vida da família.

Se o homem tem a responsabilidade e a direcção na família, deverá interessar-se intimamente por tudo que se passa em família e primeiro que

